



A SAÚDE MENTAL DO PRESBITÉRIO

Maria Elaudinézia Dornelas de Sousa¹

Fernanda Bicalho Pereira²

Alcione Januária Teixeira da Silveira³

fernandabicalhopereira@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A saúde mental do presbitério necessita de atenção e cuidado, estando relacionada à vida de doação e cobranças à qual esses indivíduos são submetidos. O percurso vocacional dos padres precisa ser um caminho traçado de forma tranquila, pois eles precisam estar preparados e certos da passagem a seguir e não se entregarem apenas a um espiritualismo piedoso. Esta pesquisa teve como objetivo verificar a saúde mental no presbitério e observar como eles lidam com os problemas mentais, quando esses acontecem. A metodologia apresentou uma abordagem qualitativa, com aplicação do questionário on-line no formato do *Google Forms*. Os resultados mostraram que a maioria dos padres pesquisados apresentaram, em momentos de sua vida, algum problema relacionado à saúde mental. Em muitos casos, a fé pode não ser forte o suficiente para superar momentos difíceis e a ajuda profissional passa a ser o diferencial, sendo a relação com a psicoterapia algo essencial e imprescindível. Assim, refletir sobre a saúde mental tem sido algo atual e necessário para a vida de todos, igualmente para os padres, que precisam se entregar à vocação e passam a vida lidando com conflitos e enfrentando desafios, além das renúncias para seguir na vida religiosa e, sobretudo, seguir os caminhos de Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Saúde mental; Espiritualidade; Presbiterado; Igreja.

1. INTRODUÇÃO

No período de 2000 a 2010, Murakam e Campos (2012), em um levantamento bibliográfico trazendo a interface entre religião e cuidados em saúde mental, comprovaram que a religiosidade atua diretamente na saúde mental do indivíduo, porém, em determinadas situações, a equipe de saúde pode não se sentir confortável em abordar essas questões, por não ter uma habilitação específica da área. Entendem que a crença religiosa pode definir os caminhos que a equipe de

¹ Acadêmica do curso de Psicologia da Faculdade UNIVÉRTIX - Matipó.

² Psicóloga; Mestre em Enfermagem; Professora da Faculdade UNIVÉRTIX - Matipó.

³ Psicóloga; Mestre em Educação; Professora da Faculdade UNIVÉRTIX - Matipó.



saúde deve seguir, uma vez que são influenciadoras na tomada de decisão pelo paciente.

No que se refere à realidade da vida presbiteral é exigido um preparo espiritual, que nem sempre eles conseguem sozinhos, pois a espiritualidade pode não estar “relacionada à religião. O termo religiosidade implica a relação do ser humano com um ser transcendente, ao passo que o termo espiritualidade não implica nenhuma ligação com uma realidade superior” (GIOVANETTI, 2005, p.136).

A justificativa para o estudo desse tema advém da vontade de conhecer como os presbíteros lidam com uma situação de estresse, de depressão e de quedas que a própria vocação pode ocasionar, considerando que esses indivíduos são preparados para serem diferentes dos demais e para não atenderem às demandas do mundo (COZZENS, 2004).

É importante destacar, aqui, a relevância deste estudo para os tempos atuais, principalmente em tempos de pandemia, em que a saúde mental passa a ser discutida em todos os aspectos. A atuação do psicólogo, no meio eclesial em que não são incomuns notícias referentes a fragilidades psíquicas, por vezes, acentuadas, de padres e bispos, também se torna essencial. Portanto, este estudo é relevante para que a sociedade entenda e aprenda a reconhecer na figura dos sacerdotes pessoas reais e capazes de cederem às fragilidades humanas (SANTOS, 2020).

Assim, Mendonça e Oliveira (2011) relatam que o percurso vocacional dos padres precisa ser um caminho traçado de forma tranquila. Essas pessoas precisam estar preparadas e certas da passagem a seguir e não se entregarem apenas a um espiritualismo piedoso. É importante que eles saibam realmente que estão no caminho certo e que é isso mesmo que querem seguir. Diante disso, o objetivo da pesquisa é identificar a saúde mental no presbitério e como eles lidam com os problemas mentais quando esses acontecem.

Trabalhos como este são importantes para toda a comunidade presbiteral, pois quanto mais cedo for diagnosticada uma doença mental e a ajuda vier acompanhada desse diagnóstico, mais fácil serão o tratamento e as chances de

diminuir o agravamento da doença. Assim, toda a comunidade se beneficia, oferecendo a oportunidade de se investir em tratamentos preventivos e ações mais eficazes com maiores chances de serem bem-sucedidos.

2. METODOLOGIA

O presente estudo apresenta uma abordagem qualitativa que, segundo (MINAYO, 2000), não exclui a possibilidade de quantificação dos dados, mas procura demarcar a relação entre o conhecimento e a realidade circundante, enxergando a pesquisa de forma sistêmica.

Para a coleta de dados, foi utilizada a técnica conhecida como Bola de Neve que, segundo Flick (2009), é aquela em que o pesquisador pede aos participantes a indicação de novos informantes com as características desejadas. Essa referência vai acontecendo até que as métricas previstas anteriormente para a coleta de dados, como prazo de coleta ou quantidade máxima de entrevistados, sejam atingidas. Foi utilizado como instrumento de pesquisa um questionário semiestruturado. O questionário segundo Fachin (2001, p. 147) “consiste num elenco de questões que são apreciadas e submetidas a certo número de pessoas com o intuito de obter respostas para a coleta de informações”.

A aplicação do questionário foi realizada on-line no formato do *Google Forms*, em que os participantes, padres brasileiros, receberam um link para acessar e responder ao questionário sendo devolvido automaticamente, assim que respondem. O projeto segue as diretrizes da Lei 466/2012, para pesquisas com seres humanos.

Os resultados foram lidos e analisados. Segundo Bardin (2011) a leitura “flutuante” é um primeiro contato com os documentos que serão submetidos à análise. A partir dessa leitura, é feita a escolha dos dados, a formulação das hipóteses e objetivos e a elaboração dos indicadores que orientarão a interpretação e a preparação formal do material, assim como a discussão e considerações desses dados.



Para análise de dados trabalhou-se com categorias de análise previamente definidas: perfil dos respondentes, a formação sacerdotal, a vida sacerdotal seus conflitos e desafios, a vocação e saúde mental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No contexto atual, ser padre se tornou um grande desafio, além das imposições pela permanência no seminário que incluem: renunciar à vida social e familiar e aos prazeres da carne. Também se inclui nisso o exercício da profissão do presbiterado que, além de manter as mesmas imposições, ainda é visto como uma profissão ultrapassada e que não atrai os jovens de hoje, ampliando ainda mais o conflito entre o que a igreja exige e os valores pessoais concebidos. Esvaziados de seus desejos e muitas vezes decepcionados com sua jornada, os padres se tornam pessoas sensíveis e fragilizadas às pressões do mundo (CASTILHOS, 2012). Participaram da pesquisa 17 presbíteros.

A maioria dos participantes têm idade entre 40 e 60 anos, representando 82,4%. Considerando o tempo que ingressaram no seminário, estão inseridos na vida sacerdotal em média há 20 anos. É importante enfatizar o tempo de formação que em sua maioria atingiu 70,6% apresentando de 06 a 10 anos.

O período que ocorre a formação eclesial envolve a dimensão humana, espiritual, pastoral e intelectual, que são as dimensões formativas. É nesse tempo que se buscam implantar na mentalidade dos jovens, a fidelidade, a renúncia para viver a vida eclesial. O tempo de formação eclesial é o necessário para preparar o jovem dentro das dimensões formativas e do amadurecimento necessário para viver a vida para Cristo, servindo a igreja (WONG, 2018).

Sobre a idade que ingressaram no seminário, observou-se que entram muito jovens. Entre os pesquisados, a maioria, 58,8% possuíam de 16 a 20 anos, estando apenas com o Ensino Fundamental completo.

Wong (2018) explica a importância da faixa etária jovem, justificando essa entrada no seminário como um lugar que acolhe pessoas em formação e não prontas para a vida. Com essa proposta encontra-se o seminário, que é o lugar ideal

para o crescimento humano, local onde o jovem pode-se tornar uma pessoa mais humana, mais digna e mais próxima do amor de Cristo e de sua igreja.

Contrapondo essa questão, Lozada (2014) enfatiza que é nesse período que o jovem enfrenta seus conflitos pessoais em relação à escolha da profissão. Trata-se de incertezas, principalmente em relação à profissão eclesial, em que, além das dúvidas da vocação inerentes à idade de todo jovem, vem a renúncia de uma vida anterior, da vida familiar e social em função da vida religiosa para Cristo.

Ainda, Dessen e Costa Júnior (2008) apontam que muitas questões devem ser reorganizadas na vida da pessoa para que ela possa enfrentar novos desafios e se reajustar em uma nova vida, englobando aspectos biológicos, físicos, psíquicos e, até mesmo, a forma de convivência com a sociedade.

No entanto, aos seminaristas que permanecem na escolha do seminário são orientados a resistirem a todas as tentações e se consideram melhores ou pelo menos bem diferentes das outras pessoas. Ao assumirem uma paróquia irão conviver com pessoas do mundo, que possuem regras e convívios totalmente diferentes daquelas que foram instruídos (TAGLIAVINI, 2007).

Em relação à hierarquia católica, a maioria são padres (párocos), atuantes em igrejas, perfazendo um total entre os pesquisados de 64,7%. Outros assumem a posição de formação de padres, de colaborador e administrador paroquial. Verificou-se um respondente que se apresenta afastado. O padre afastado respondeu a pesquisa e destacou em sua resposta o motivo do afastamento, casado.

Ao analisar essa questão, chama atenção o fato de esse padre aceitar participar de uma pesquisa voltada para padres, uma vez que se encontrada afastado sendo o motivo um impedimento para tal função, O Código de Direito Canônico, no que se refere às obrigações e direitos dos clérigos, estabelece que “os clérigos são obrigados a observar a continência perfeita e perpétua por causa do Reino dos céus; por isso, são obrigados ao celibato” (CÂNON, 277, 1983).

Esse mesmo Código de Direito Canônico (1983) apresenta que parte dos fiéis afirmavam que, no início do cristianismo, os sacerdotes não precisavam ser celibatários. Entre o 3º e 4º século, iniciaram movimentos dentro do catolicismo

propondo o celibato para os religiosos. Logo, nos Concílios de Latrão de 1123 e 1139, o celibato clerical ficou definido para toda igreja católica. O celibato não é dogma de fé, é norma disciplinar para que os consagrados se dediquem à vida missionária.

A vocação do sacerdócio é um ato de entrega, é um chamado para os serviços da igreja, que exige escuta, generosidade, paciência, prudência e perseverança para os projetos divinos, ao mesmo tempo que a igreja recebe seus vocacionados com o objetivo de fortalecer esse chamado. Todavia, o percurso da vida sacerdotal é muito cheio de desafios. Por mais que os vocacionados se sintam preparados, mudanças de posturas, normas mais rígidas e convivências pessoais diferentes da vida anterior começam a mudar o estilo de vida de que se tinha até então. Nesse sentido, o cuidado uns com outros se torna fundamental para continuar sua entrega (COZZENS, 2004).

Lozada (2014) afirma que a formação sacerdotal só é concluída quando o Espírito Santo fortalece a fé e a vida desse vocacionado e ele se inspira nos discípulos de Jesus, que tudo deixaram para seguir sua fé e não olharam para trás, para não se arrependem. Para tanto, é preciso ter coragem para enfrentar os desafios que a formação sacerdotal e a vida sacerdotal impõem a todos os vocacionados.

Em pergunta aberta, foram questionados como foi realizada a preparação para o relacionamento e convivência sacerdotal com a comunidade católica. As respostas se diversificaram entre: “tranquilo, sem problemas, aconteceu através da convivência no seminário e com os estágios da paróquia e aconteceu na prática”. Em outra resposta, um padre descreveu que foi preparado para obedecer e cumprir regras e outros relataram, “cumpri a formação que era proposta/exigida no processo, incluindo as faculdades de filosofia e teologia, além da formação interna específica à vida religiosa na congregação”, “Toda a base foi a família, por isso não tive grandes dificuldades na convivência, porque sendo de uma família numerosa, a comunidade do seminário foi uma extensão”.

Entrar no seminário significa enfrentar mudanças radicais, seguir normas rígidas e respeitar principalmente a hierarquia dentro desses seminários. Dessa forma verifica-se que a formação sacerdotal não se limita à dimensão intelectual, mas é um caminho de amadurecimento humano e crescimento na fé, é um período para reforçar a fé em Cristo, aprender em Cristo (LOZADA, 2014).

Goffman (2007) defende que as regras do seminário têm uma relação totalmente nova na vida dos seminaristas, muda-se hábitos, roupas, relações, valores e atitudes. As regras do seminário e a rigidez imposta pela formação sacerdotal o coloca em uma nova dimensão de vida, que para uns são fáceis de aceitar e para outros se torna um desafio constante, uma prova real dá vocação e do chamado que o levou até aquela situação.

A missão de se tornar um sacerdote, de evangelizar, de se doar para os outros é feita de sacrifícios, não apenas na formação e sim para a vida toda. Durante todo momento você precisa se entregar a sua vocação, ser fiel no seu compromisso, e sobretudo seguir os passos de Cristo (SANTIROCCHI; SANTIROCCHI, 2020).

Outra questão da pesquisa, refere-se ao tempo de formação eclesial e 29,4% responderam de 11 a 15 anos e 70,6% responderam de 06 a 10 anos, observando, assim, um tempo considerável. A formação eclesial é longa e acompanhada de estudos rigorosos e com exigências de dedicação exclusiva. Os seminaristas precisam entregar-se inteiramente a essa rotina, tudo que fazem referente ao serviço e aos estudos são direcionados a sua formação eclesial. A formação é contínua englobando a formação inicial (período antes da ordenação) e a formação permanente (depois da ordenação sacerdotal) (ROSSI, 2015).

Considerou-se perguntar, ainda, quais os maiores conflitos vivenciados durante e ou após a formação eclesial e as respostas foram bem diversificadas. Entre elas destacam-se opressão e ausência dos superiores, imposição da teologia da libertação, convivência com pessoas difíceis no trato, leigos que não entendem o seu papel, isolamento, próprio do ministério, normas da igreja e ensinamentos de Jesus, ansiedade, questões financeiras e afetivas, como descrito abaixo:

Os maiores conflitos foram com situações em que muitas vezes as pessoas não aceitavam o modo de fazer as coisas corretas (conforme as normas ou orientações), sejam nas comunidades e paróquias, estavam sempre acostumados com aquele jeitinho amigável de fazer as coisas.

Durante a formação os conflitos eram relacionados com a convivência entre os seminaristas e clero. Após a formação o conflito maior foi o realizar os trabalhos pastorais intensos com a falta de compreensão e apoio para os trabalhos que gostaria de ter realizado.

Outro padre relatou: “a ênfase constante e exigência à formação intelectual sempre tida como prioridade, ela é importante, mas outras dimensões existem e precisam ser consideradas e tratadas com atenção”.

Tagliavini (2007) enfatiza o rigor dos seminários durante a formação dos padres, onde regras rigorosas são impostas, mudanças radicais na rotina dos seminaristas, mudanças de hábitos cotidianos desde a forma de vestir até a forma de relacionar com os outros. Esse rigor interfere diretamente nas escolhas dos vocacionados para que consigam permanecer e ficar nos seminários.

Quando questionados sobre a vida pessoal diferir da vida religiosa, 47,1% dos padres participantes disseram não haver diferença, um entrevistado enfatizou dizendo associar tudo a uma única vida, onde estiver, estará o padre. Aos que responderam haver diferença, quatro pesquisados destacaram essa diferença no momento de lazer. Um padre, fez referência a questões materiais, “acho que no que se refere a gostar de tecnologias (celular último modelo) ou no uso de roupas de marca... não compro muito, mas costumo comprar coisas boas”.

Outro padre relatou contestação nas amizades particulares, enfatizando o mundo virtual onde se refugia e se considera ser ele com liberdade. Outro relatou que, “vida pessoal entendida como aquele momento em que não estou realizando uma atividade própria do sacerdócio como celebrar missa, atender confissões e ministrar unção dos enfermos, por exemplo! Mas havia uma simbiose”.

Oliveira (2019) esclarece que a simbiose é a vida dupla que o sacerdote vive ou precisa viver que é entre sua vida e a do próprio Cristo. O sacerdote não deve fazer separação entre sua vida pessoal e a vida religiosa, a presença religiosa tem que estar em todos os momentos de sua vida.

A vocação de sacerdote indica um caminho de alegria e de dedicação, mais para a vida do outro do que para si mesmo. Portanto a vida sacerdotal se mistura à vida de seu povo, é ser escuta dos aflitos e daqueles que precisam de um amigo. A vocação de padre não é apenas a escolha de uma profissão, é um chamado par servir, é anunciar o Evangelho e viver segundo seus ensinamentos é renunciar a vida do mundo, a sua própria vida em função da vida do outro (SPENGLER, 2018).

O cuidado com o povo pode gerar angústia, tristeza, ansiedade quando se percebe que, nem sempre, os problemas nos quais estão envolvidos são fáceis de serem resolvidos. É nesse momento que a religiosidade se confunde com a falta de forças para enfrentar além dos seus problemas os problemas de todos e a saúde mental fica sob a mira da fragilidade humana (MURAKAMI; CAMPOS, 2012).

Foi questionado, na pesquisa, se a igreja tem algum trabalho de prevenção e cuidado em relação à saúde mental dos presbíteros. Entre as diversas respostas, dois padres responderam sim para essa questão; outro padre relatou ter indicação; outro disse sim, mas enfatizou ser no tempo do seminário e outro padre relatou que a igreja está sempre atenta às necessidades dos presbíteros. Em outra afirmativa, o padre relatou “existe sim, seja orientando e direcionando para terapias particulares ou através de clínicas específicas para religiosos”. Em outra resposta o padre disse:

Eu como trabalho na formação dos candidatos e no governo da congregação, busco incentivar muito o cuidado da saúde mental. Fiz mestrado sobre o cuidado das pessoas religiosas e decidi fazer graduação em psicologia para melhor ajudar na realidade eclesial e religiosa.

Contradizendo, cinco padres responderam não para o trabalho de prevenção em relação à saúde mental dos presbíteros. Um padre respondeu ser uma raridade e, referente às negativas nessa questão, outro padre destacou “sinceramente não conheço. Quando os problemas explodem cada um que se vire e se cuide. Ainda não sabemos lidar com essa dimensão em nossa vida”. Outro padre descreveu, “Não! A Igreja carece de cuidados preventivos e geralmente o padre já está surtado quando vai procurar ajuda profissional”.



A igreja não apresenta um trabalho de prevenção e cuidado aos padres. Pereira (2013, p. 4) descreve que a igreja é muito rigorosa com os padres em uma questão e deseja que eles sejam exemplo para toda a comunidade "o grau de exigência da Igreja é muito grande. Espera-se que o padre seja, no mínimo, modelo de virtude e santidade", essa exigência pode levá-lo ao sentimento de opressão e de incapacidade, quando ele percebe não atender a essa exigência, e pode ocasionar problemas mentais.

Corroborando, Goswami (2008) explica que a igreja entende que aqueles que têm uma vida espiritual forte e firme na fé consegue lidar com seus problemas e preocupações materiais com mais facilidade, conquistam uma percepção mais ampla e simples da realidade que o cerca, pois a busca constante de Deus favorece essa integração entre a vida material e a vida religiosa.

No entanto, a religião pode não ser suficiente para sanar as dificuldades que os padres enfrentam, conforme a igreja acredita. Ela pode causar impactos sobre a saúde dos padres e ser manifestadas de várias formas. A religiosidade e a espiritualidade sempre foram consideradas importantes elementos de suporte para as pessoas que sofrem e/ou estão doentes, mas não podem ser consideradas suficientes (NETO, 1997).

Em relação à pergunta se os padres se já haviam sido diagnosticados com alguma questão de saúde mental relacionando alguns transtornos e opção para descrever seu diagnóstico, 82,4% dos padres responderam sim. À questão destacando o transtorno de ansiedade, *burnot*, depressão e borderline, apenas 17,6% disseram não e ou relacionaram outro problema de saúde que não estaria ligado à saúde mental. Em sequência a essa questão, na pergunta referente ao uso de medicação, apenas 35,3% disseram fazer uso no momento e ou em momentos de crise, citando ansiolíticos, antidepressivos, anticonvulsante e estabilizador de humor como assert, escitalopram, rivotril, grifonnia simplicifolia, alprazolam, ritalina, pondera, desvenlafaxina, ácido valproico.

Pode-se observar, portanto que a questão de saúde mental e o consumo de medicamentos é uma realidade no nosso país e conforme o divulgado pelo

Conselho Federal de Farmácia (CFF), por meio de um levantamento realizado pela IQVIA (*The Human Data Science Company*), o uso de ansiolíticos, antidepressivos e estabilizadores de humor vem crescendo muito, demonstrando também que essa incidência é muito comum entre os todos os brasileiros (CFF, 2020).

Mediante os dados coletados, certificou-se que 52,9% dos padres entrevistados fazem ou já fizeram psicoterapia e 47,1% disseram nunca terem feito. A intervenção que ocorre no tratamento das doenças mentais exige na maioria das vezes intervenções a nível multiprofissional com abordagens de psicoterapias, terapias em grupo e/ou individuais, terapêutica medicamentosa, entre outros. Vale destacar que o tratamento mental medicamentoso é importante, mas trabalhar o bem-estar, em função de uma melhor qualidade de vida e principalmente a autonomia do indivíduo, é algo importante e essencial para o seu reestabelecimento mental (FERNANDES; SILVA; IBIAPINA, 2015).

A vida sacerdotal é composta de muitos desafios, muitos padres ficam chocados com a realidade que encontram ao assumirem uma paróquia ou ficam surpresos com a responsabilidade que é ser sacerdote. Assim, travam uma batalha interna e se fecham às questões pessoais. É nesse momento que a psicoterapia pode se tornar uma aliada, orientando-os em assuntos íntimos e particulares para que não os façam perder em sua vocação. A psicoterapia poderá ser uma grande aliada na resolução de conflitos emocionais além de proporciona o autoconhecimento. A preparação eclesial é delicada, precisa ser cercada de cuidados e o indivíduo candidato a padre deve conhecer bem as dificuldades que cerca essa profissão e estar preparado para os desafios e ser forte o suficiente para viver os conflitos que com certeza irá fazer parte dessa escolha (PINTO, 2018).

Foi perguntado, também, na pesquisa se já sentiram alguma dificuldade em relação à saúde mental e como foi essa condução. Os padres pesquisados se diversificaram nas respostas, 35,3% responderam não. Os outros disseram buscar ajuda por meio da terapia, ajuda médica, ajuda psiquiátrica, ajuda medicamentosa e internação, destacam-se, a seguir, algumas respostas:

Enfrentei muita dificuldade numa fase de trabalhos intensos em que me esgotei e entrei em esgotamento com pânico. Isso ocorreu um pouco antes dos 40 anos, e se tornou recorrente. Em 2013 procurei um psiquiatra e passei a ser tratado

Nada tão grave porque na minha formação aprendi a pedir ajuda. Faço terapia como um modo de cuidar de minha saúde. Senti momentos de tristeza, não me sentir reconhecido ou valorado pelo trabalho.

Muita pressão e desejo de agradar a todos e ser super pai. Minha tentativa foi fugir do problema como um avestruz. Procurei ajuda profissional.

Segundo Farris e Rosa (2011), a religiosidade pode ser benéfica a questões mentais, mas ela por si só não torna o indivíduo isento de problemas mentais, visto que algumas crenças religiosas podem também trazer prejuízos à saúde. Portanto o cuidado uns com os outros e o trabalho de acompanhamento logo que a pessoa se mostre fragilizada mediante a uma situação devem ser levados em conta e trabalhado por pessoas especializadas, que tenham uma visão profissional e condições de atender a necessidades de ordem mental que surgirem.

Indagou-se, ainda, aos pais, a quem eles recorrem quando precisam de cuidados. Entre as diversas respostas, citaram médico, sacerdote, diretor espiritual, família, amigos próximos, colegas de confiança, ajuda profissional, psiquiatra, psicólogo, colegas pais, irmãos presbíteros, profissionais da área e a oração.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vocação para padre precisa ser algo sacramentado, em que a fé fique acima de todos os obstáculos. Caso contrário, ele não suportará os desafios que são submetidos desde a sua formação rigorosa até o exercício da profissão. Tudo isso pode colocar em prova sua vocação. O padre é uma referência religiosa dentro da igreja para os seus fiéis, portanto sua conduta precisa ser exemplar e isso o torna alvo frágil, frente aos desafios e conflitos que enfrenta mediante as exigências de sua profissão. "Em muitos casos, a fé pode não ser forte o suficiente para superar momentos difíceis", afirma Pinto (2018, p.2)

Longe de fazer afirmações que atribuam dificuldades em relação ao fato de a igreja lidar com questões de saúde mental, mas fica evidente a necessidade de se repensarem as questões relacionadas à saúde mental dos padres, promovendo um trabalho de prevenção e cuidado, entendendo a fragilidade da profissão e atuação.

Outra questão que chama atenção na pesquisa refere-se à busca de ajuda, seja espiritual, religiosa ou profissional e a importância da rede de apoio, seja entre os amigos, a família e a igreja. Enfatiza-se, ainda, a importância da psicoterapia como parte dessa ajuda e que ela se torne uma aliada para que os padres consigam compreender os limites da fé e da condição humana, buscando ajuda especializada para aliviar a carga e a responsabilidade advindos dos desafios da profissão.

Assim, refletir sobre a saúde mental tem sido algo atual e necessário para a vida de todos, igualmente para os padres, que precisam se entregar à vocação e passam a vida lidando com conflitos e enfrentando desafios, além das renúncias para seguir na vida religiosa e sobretudo seguir os caminhos de Cristo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, N. **O que é saúde?** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BENELLI, S. J. O seminário católico e a formação sacerdotal: um estudo psicossocial. **Psicologia USP**. v.17, n.3, p.145-182. 2006.

BENELLI, S. J.; ROSA, A. C. Estudo sobre a formação presbiteral num seminário católico. **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 20, n. 3, p. 99-123. 2003.

BIDERMAN, I. **Saúde mental brasileira sofre de instabilidade**. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2019/05/saude-mental-brasileira-sofre-de-instabilidade.shtml>. Acesso em: 05 set. 2020.

BRASIL Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Nota Técnica nº 11/2019. **Esclarecimentos sobre as mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf>. Acesso em: 01 set. 2020-



CANGUILHEM, G. **O conhecimento da vida**. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

CASTILHO, R. dos S. **Primórdios da filosofia**: Em busca do direito. ... 2012. Filosofia do direito. Imprensa: São Paulo: Saraiva, 2012.

CFF - Conselho Federal de Farmácia. **Venda de medicamentos psiquiátricos cresce na pandemia**. 2020. Disponível em: <http://covid19.cff.org.br/venda-de-medicamentos-psi-quiatricos-cresce-na-pandemia>. Acesso em: 05 de junho de 2021.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO, **Constituição Apostólica de Promulgação do Código de Direito Canônico**. Promulgado pela Constituição Apostólica *Sacrae Disciplinae Leges*, 1983.

COZZENS, D. B. **Silêncio sagrado**: negação e crise na Igreja. Tradução de Bartalitti, C. C. São Paulo: Loyola, 2004.

CRESTANI, V. **Efeitos colaterais do distanciamento físico na saúde mental**. 2020. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/distanciamento-fisico-saude-mental/>. Acesso em: 04 mar. 2021.

DERRIDA, J. **Foi et savoir**. Suivi de *Le Siècle et le Pardon* (entretien avec Michel Wieviorka). Paris: Éditions du Seuil, 2000.

DESSEN, M. A.; COSTA JÚNIOR, A. **A Ciência do Desenvolvimento Humano**: tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: ARTMED, 2008.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2001.

FARRIS, J. R.; SATHLER-ROSA, Religião salugênica e religião patogênica: uma aproximação à luz da psicologia. **R. Rev. Pistis Prax.**, Teol. Pastor., Curitiba, v. 3, n. 2, p. 361-382, jul./dez. 2011

FERNANDES, M. A; SILVA, E. M; IBIAPINA, A. R. S. Cuidado de enfermagem ao indivíduo com transtorno mental: estudo em um hospital geral. **Revista Interd.** v.8, n.4, p.163-73. 2015. Disponível em: Available from: http://revistainterdisciplinar.uninovafapi.edu.br/index.php/revinterarticle/view/797/pdf_276. Acesso em: 03 de jun de 2021.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2009.

GERONE, L. G. T. A espiritualidade no contexto da ciência da Saúde. Ano 05. Ed. 09, Vol. 01, pp. 121-136. 2020 **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do**



OMS-Organização Mundial da Saúde. Ministério da Saúde. Relatório Mundial da Saúde. **Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. 1.^a edição, Lisboa, Abril de 2002.

OMS. Organização Mundial de Saúde. Carta de Ottawa. **Primeira Conferência Internacional Sobre Promoção da Saúde Ottawa**, 1986.

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde. **Brasil**. 2019. Disponível em <https://www.paho.org/pt/brasil>. Acesso em: 20 de maio de 2021.

PEREIRA, W. C. C. **Sofrimento Psíquico dos Presbíteros**: 4^a Ed. São Paulo: Editora Voz. 2013.

PINTO, E. B. **Padres em Psicoterapia**: esclarecendo singularidades. 5^a ed. São Paulo. Editora Ideias & Letras. SP. 2018.

PINTO, Ê. B. Espiritualidade e Religiosidade: Articulações. **Revista de Estudos da Religião**. v.9, n.1, p. 68-83. 2009.

ROSSI, R. **A Formação de Padres na Diocese de São Carlos**. Orientador André Ricardo de Souza. 141f. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de São Carlos, UFRS. São Carlos. 2015.

SANTIROCCHI, Í. D. ; SANTIROCCHI, P. C. R. Os Desafios para a Universalização da Congregação da Missão no Superiorato do Padre Jean-Baptiste Étienne (1843-1874). **Almanack [online]**. ed. 519, n. 26, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-463326ed00519>. Acesso em: 24 de maio de 2021

SANTOS, J. C. **Psicologia e Desenvolvimento Moral da Pessoa**. Editora Dom Viçoso. Arquidiocese de Mariana, MG. 2018.

SANTOS, J. C. **A pandemia e os desafios à saúde mental do Ministro Ordenado**. 2020. Psicologia e vocação. Disponível em: <https://padrejosecarlos.com.br/noticia/a-pandemia-e-os-desafios-a-saude-mental-do-ministro-ordenado>. Acesso em: 08 de dez. 2020.

SCHERER. O. P. **Curso para formadores de seminário menor, propedêutico, filosofia, teologia**. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo. 2001.

SCLIAR, M. História do conceito de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 29-41, 2007.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, 2009.

SOUSA, R. G. **Catolicismo.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/religiao/catolicismo.htm>. Acesso em: 12 de out. de 2020.

SPENGLER, J. **Ser Padre: Caminho de Vida!** 2018. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/ser-padre-caminho-de-vida>. Acesso em: 24 de maio de 2021.

TAGLIAVINI, J. V. Seminários Tridentinos no Brasil: Escolas para a formação do clero. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.26, p.39 –63, jun. 2007. Disponível em: https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/4983/art03_26.pdf. Acesso em 01 de nov. de 2020.

TILLICH, P. I. **A Era Protestante.** São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Ciências da Religião, 1992.

THIENGO P. C. S *et al.* Espiritualidade e religiosidade no cuidado em saúde: revisão integrativa. **Cogitare enferm.** 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v24i0.58692>. Acesso em: 23 out. de 2020.

WONG, J. C. P. **A Formação Permanente:** ministério alegre e fecundo ao longo da vida. 2018 In: Conferência Episcopal Portuguesa – Simpósio do Clero. Disponível em: <http://www.clerus.va/content/clerus/pt/notizie/new9.html>. Acessado 15 de maio de 2021.